

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2



Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa

Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalo de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

- Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliã Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação sexual, sexualidade e gênero e diversidade sexual: trilhando caminhos para uma educação emancipadora 2 / Organizador Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-941-7

DOI 10.22533/at.ed.417211504

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Identidade de gênero. 4. Diversidade sexual. 5. Educação. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 372.372

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Prezados leitores e leitoras;

“Gênero e sexualidade são construídos através de inúmeras aprendizagens e práticas, empreendidas por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais, de modo explícito ou dissimulado, num processo sempre inacabado”.

(Guacira Lopes Louro)

As discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade não é recente, mas, ganha contornos importantes a partir dos anos 60, com os movimentos de “contracultura”, os movimentos feministas, com a luta dos direitos da comunidade LGBTQIA+ e com a sistematização e ampliação teórica-metodológica de diversas pesquisas acadêmicas, especialmente as do campo da Educação.

Assim, pode-se entender que Gênero e Sexualidade é uma construção social, cultural e histórica que se constituem como assuntos amplos presentes em diversas instâncias da sociedade, embora ainda sejam permeados por diversos “tabus” (principalmente na contemporaneidade).

Discutir questões sobre Gênero e Sexualidade, em especial no campo da Educação, se mostra como um mecanismo potencializador de emancipação dos sujeitos em sociedade, uma vez que oportuniza um aprendizado em relação à vida sexual, a combater formas de preconceito e opressão nas relações sociais.

Nesse sentido, o livro **Educação Sexual, Sexualidade e Gênero e Diversidade Sexual: Trilhando Caminhos para uma Educação Emancipadora 2**, reuni, ao longo de 13 capítulos, discussões contemporâneas, críticas e necessárias para o debate acerca das discussões sobre Gênero, Sexualidade e Diversidade, sobretudo em um contexto de forte conservadorismo político e religioso.

Os textos aqui apresentados estão organizados de forma sistematizada e pedagógica, e são apresentados dentro dos principais eixos: Educação; Envelhecimento, Feminismo, Patriarcado, dentre outros aspectos que permitem aos leitores e leitoras um momento de grande reflexão em torno das questões de Gênero, Sexualidade e Diversidade.

Espera-se que os textos aqui reunidos possam contribuir para ampliação dos debates acerca das categorias de Gênero e Sexualidade em diversas instâncias sociais, sobretudo no campo da Educação que é tido como um espaço de suma importância para formação, discussões e acessos a informações para os debates de gênero, sexualidade, diversidade sexual, masculinidades, feminilidades, entre outras categorias de suma importância social.

Desejamos a todos e todas, uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Neide Abadia Carneiro

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Anaiara Lourenço da Silva

DOI 10.22533/at.ed.4172115041

CAPÍTULO 2..... 16

O DISCURSO DA SEXUALIDADE NO CONTEXTO FAMÍLIA E ESCOLA

Lucyélen Costa Amorim Pereira

Andréa Ferreira da Costa

Adriana de Medeiros Marcolano Thebas

Mayara Cazadini Carlos

DOI 10.22533/at.ed.4172115042

CAPÍTULO 3..... 25

SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: MITOS E TABUS

Mylena Menezes de França

Ivana Suely Paiva Bezerra de Mello

Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa

Silvana Barbosa Mendes Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.4172115043

CAPÍTULO 4..... 38

ENVELHECIMENTO FEMININO E O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Daniela Soares da Silva

Simone Pereira da Costa Dourado

DOI 10.22533/at.ed.4172115044

CAPÍTULO 5..... 49

ENTRE COSTUMBRES Y RUPTURAS

Nancy Zárate Castillo

Gloria Patricia Ledesma Ríos

DOI 10.22533/at.ed.4172115045

CAPÍTULO 6..... 61

COISAS QUEBRADAS: AFETIVIDADES DESVIANTES

Ludmila Castanheira

Lua Lamberti de Abreu

DOI 10.22533/at.ed.4172115046

CAPÍTULO 7	67
GÊNEROS, VULNERABILIDADES E OPRESSÕES: UM ESTUDO A PARTIR DA TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E DA OBRA NAVALHA NA CARNE, DE PLÍNIO MARCOS	
Julia de Albuquerque Barreto	
Lucas Henrique de Lucia Gaspar	
DOI 10.22533/at.ed.4172115047	
CAPÍTULO 8	85
NOTAS PRELIMINARES SOBRE CAPITALISMO E PATRIARCADO: O DEBATE ENTRE A TEORIA UNITÁRIA E O FEMINISMO MATERIALISTA	
Clara Gomide Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.4172115048	
CAPÍTULO 9	97
A (IM)POSSIBILIDADE DE OBJECÃO DE CONSCIÊNCIA DOS MÉDICOS NA UTILIZAÇÃO DAS TÉCNICAS DE REPRODUÇÃO HUMANA ASSISTIDA POR PESSOAS HOMOSSEXUAIS, SOLTEIRAS E TRANSGÊNERAS: UMA PERSPECTIVA CONSTITUCIONAL INSPIRADA NA TEORIA RAWLSIANA DE JUSTIÇA COMO EQUIDADE	
Iara Antunes de Souza	
Priscilla Jordanne Silva Oliveira	
Rafaela Fernandes Leite	
DOI 10.22533/at.ed.4172115049	
CAPÍTULO 10	110
SAÚDE E SEXUALIDADE DA POPULAÇÃO LGBTQIA+ NOS DOMÍNIOS DO CROMÁTICO DISCURSIVO DAS CAMPANHAS DE PREVENÇÃO	
Claudemir Sousa	
Vandiel Barbosa Santos	
DOI 10.22533/at.ed.41721150410	
CAPÍTULO 11	127
TRANSFOBIA E AS POLÍTICAS DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS NO BRASIL	
Fernando dos Santos Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.41721150411	
CAPÍTULO 12	140
A INTERFERÊNCIA DA MASCULINIDADE TÓXICA NO FUTURO DA LUTA PELA IGUALDADE DE GÊNERO	
Nathan Nahas	
Matteo Henrique Sartore	
Letícia Oliveira Lima	
Beatriz dos Santos Rissi	
Barbra Kei Yaguiui Knorst	
Cristina Landgraf Lee	
DOI 10.22533/at.ed.41721150412	

CAPÍTULO 13.....	154
O SISTEMA DE JUSTIÇA CRIMINAL COMO UM MECANISMO DE REFORÇO DA VIOLÊNCIA ESTRUTURAL NO UNIVERSO FEMININO	
Thalita Araújo Silva	
Yollanda Farnezes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.41721150413	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	166
ÍNDICE REMISSIVO.....	167

CAPÍTULO 1

EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: CONFLITOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DOS JOVENS

Data de aceite: 01/04/2021

Neide Abadia Carneiro

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
Ipameri-GO
<http://lattes.cnpq.br/3551651176966623>

Viviane Aparecida da Silva Paiva

Universidade Federal de Goiás - UFG
Ipameri-GO
<http://lattes.cnpq.br/9273467743294221>

Joelma Fernanda de Sales Carneiro Dutra

Universidade Federal de Catalão - UFCAT
Ipameri-GO
<http://lattes.cnpq.br/5409508112920220>

Anaiara Lourenço da Silva

Universidade Federal de Catalão – UFCAT
Ipameri-GO
<http://lattes.cnpq.br/5021569444988988>

RESUMO: Este trabalho elege a Educação Sexual na escola, como tema de pesquisa. O problema está focado em entender como o assunto tem sido trabalhado na educação básica, pois de acordo com nossa prática pedagógica temos observado a curiosidade dos alunos e o despreparo dos professores ao tratar a sexualidade em sala de aula, causando muitas vezes situações de constrangimento. O estudo almejou contextualizar a sexualidade na perspectiva emancipatória, em busca de subsídios para uma educação sexual crítica dentro de um contexto cultural em que normas

de conduta, crenças e valores vão definindo sua vivência, concebendo a sexualidade como fator político relevante na formação da subjetividade do ser humano, com a finalidade centrada no desenvolvimento do indivíduo. A metodologia de pesquisa escolhida foi o levantamento bibliográfico. A análise do estudo de autores como FURLANI (2011), LOURO (1997), SUPPLY (1981), além dos PCNs. Evidenciamos que, o trabalho com o tema supracitado, mantém uma visão restrita, coerente com a concepção médico higienista da sexualidade. As dificuldades, os tabus, os preconceitos, o constrangimento e a desinformação colocam barreiras na abordagem do tema dificultando o desenvolvimento por parte dos jovens de uma sexualidade saudável.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Sexual, adolescência, Sexualidade.

SEXUAL EDUCATION IN SCHOOLS: CONFLICTS AND CHALLENGES IN THE FORMATION OF YOUNG PEOPLE

ABSTRACT: This work chooses Sex Education at school, as a research theme. The problem is focused on understand how the subject has been worked in basic education, because according to our pedagogical practice we have observed the curiosity of students and the unpreparedness of teachers when dealing with sexuality in the classroom, often causing embarrassment. The study aimed to contextualize sexuality in an emancipatory perspective, looking for subsidies for a critical sexual education within a cultural context in which norms of conduct, beliefs and values define their experience, conceiving

sexuality as a relevant political factor in the formation of subjectivity in the human being, with the aim centered on the development of the individual. The research methodology chosen was the bibliographic survey. Analysis of the study by authors such as FURLANI (2011), LOURO (1997), SUPPLY (1981), in addition to the PCNs. We show that the work with the aforementioned theme maintains a restricted view, consistent with the medical hygienist conception of sexuality. Difficulties, taboos, prejudices, embarrassment and disinformation pose barriers in addressing the issue, making it difficult for young people to develop healthy sexuality.

KEYWORDS: Sex Education, Adolescence, Sexuality.

1 | INTRODUÇÃO

A motivação para realização dessa pesquisa, surgiu devido a nossa experiência enquanto docentes, percebemos que alunos do ensino fundamental, emitem comportamentos e vocabulários relacionados a sexo e sexualidade, que em determinados momentos, merecem atenção especial por parte dos docentes.

A sexualidade acompanha o indivíduo por toda a vida, nossos sentimentos e ações em relação à nossa vida sexual, pode ser resultado de experiências, que inclui valores e concepções sociais presentes em cada cultura, atribuindo o que é adequado ou inadequado.

A sexualidade é construída ao longo da vida, por meio das relações sociais orientações e experiências vivenciadas pelos indivíduos, se bem conduzida, ele pode vivê-la plenamente. Assim, diante de determinadas situações, o indivíduo poderá fazer escolhas coerentes que não irão colocá-lo em situações de risco. Nesse sentido, a escola não pode ser omissa e nem tratar a questão de maneira superficial, porque, também tem responsabilidades juntamente com a família e outras instituições sociais de orientar os indivíduos em relação ao tema.

Percebe-se que nas escolas ainda há lacunas dificultando o trabalho com educação sexual, como o despreparo dos professores, tabus, preconceitos, entre outros.

A escola, pode ser considerada um importante espaço de intervenção sobre a sexualidade, diferente de outras Instituições, ela pode elaborar projetos direcionados a esse público capaz de motivá-los a refletir sobre essa temática.

A intenção de introduzir esse assunto no currículo escolar fica evidenciada pela incorporação da orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na forma de tema transversal. Elaborados pelo governo federal, os PCN's têm por objetivo estabelecer uma referência teórica de trabalho para as instituições escolares.

De acordo com esse documento, os temas transversais abordam problemas fundamentais presentes na vida social, como a Ética, Saúde, Meio-ambiente, Orientação sexual e Pluralidade cultural. Eles devem ser trabalhados durante o processo de escolarização, não tem uma disciplina específica para trabalhá-los, sugerindo claramente a sua importância para uma educação contextualizada, com temas pertinentes as

necessidades dos alunos da educação básica, habilitando-os para a tomada de decisões inteligentes zelando assim pela sua saúde e a dos outros também.

Dessa forma, a inserção dessa temática na escola se justifica por um lado, para uma dimensão epidêmica e, por outro, proporcionar mudanças nas expectativas do comportamento sexual dos jovens.

Abordamos também, a questão das mudanças na adolescência, como o indivíduo que se encontra nessa fase pode estar suscetível a se colocar em determinadas situações que o leve a correr riscos, pela falta de experiência e curiosidade, podendo ser resultado da deficiência de uma orientação sexual adequada.

Destacamos à educação sexual nas escolas, como essa temática foi incluída no currículo escolar. A importância da qualificação do educador sexual, porque, ela pode capacitá-lo para desenvolver com mais segurança seu trabalho.

2 | A SEXUALIDADE HUMANA

Procuramos analisar o tema pesquisado, recorrendo ao passado, buscando explicações para contextos presentes, a fim, de compreender como chegamos a contextos atuais, verificando como mudam os valores e a influência destes no comportamento sexual dos indivíduos.

Alguns conceitos associados à sexualidade como o de beleza, do erótico, do sexo associado apenas à reprodução ou ao prazer mudam através dos tempos. Quando refletimos sobre a educação, os seres humanos têm limites para poder viver em sociedade e ser aceito em termos de comportamento, considerado aceitável o que não fere e nem desestrutura os padrões de determinado grupo social.

Na história da humanidade, o conceito associado ao comportamento sexual desejado, muda bastante. Os valores envolvidos mudam também, mas sempre, envolvendo instituições como, a família, escola e a igreja.

Problemas como as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), família, adultério, homossexualidade, submissão da mulher ao homem, são tratados de diferentes maneiras, o que é permitido é uma questão de época, do contexto histórico. Para que, as pessoas entendam tudo isso se faz necessário uma Educação Sexual que, seja capaz de ajudar os indivíduos na tomada de decisão coerente diante das dúvidas anseios e expectativas.

Percebe-se que, com o decorrer da história, o desenvolvimento tecnológico, contribuiu com a forma de interação entre as pessoas, fizeram com que as sociedades fossem incorporando novos modos de vida, também, importados de outros países, os valores foram mudando acompanhando essa transformação. Assim, o comportamento dos indivíduos em relação ao sexo e a sexualidade, também, se modificou. Surgindo a necessidade de novos estudos, para suprir a demanda de uma sociedade em constantes transformações.

Os últimos 50 anos do século XX viram florescer de uma série de campos não disciplinares do conhecimento, além das já clássicas Ciências Humanas e Sociais e Físicas. Esses novos campos se tornaram o pensamento contemporâneo marcado pela articulação e/ou confluência de distintas abordagens, entre elas: Os Estudos de Gênero e Sexuais, Os Estudos Literários, os Estudos sobre Etnias e Raças e os Estudos Culturais. Furlani (2011, p. 55).

Essas novas abordagens surgiram para acompanhar os novos comportamentos sociais, resultantes dessa nova dinâmica social. Em relação ao gênero, Furlani (2011), defende que “O conceito de gênero se refere apenas às relações entre os seres humanos. As representações de gênero são criadas pela sociedade que atribuem às diferenças sexuais a ideia de um homem e de uma mulher, o que é masculino e o que é feminino.”

Nesse sentido, o conceito em relação ao gênero é aprendido não é uma determinação biológica, a pessoa não nasce homem ou mulher, ela se torna, de acordo com a sociedade e o tipo de educação que recebe vai fazendo uma separação de papéis para cada gênero, que são padrões de condutas considerados apropriados e desejáveis para cada sexo.

Seguindo esse raciocínio, destacamos a importância do educador e da educação, incluindo nesse contexto a importância da escola, porque ela também é responsável na construção da concepção do gênero juntamente com as outras instituições.

Para Foucault (1999, p. 296), são os elementos sociais, o dito e o não dito que compõem o dispositivo. Ao falarmos da Educação Sexual na escola, estamos falando do dispositivo de controle que pode ser acionado pelo dito e o não-dito, do controle de necessidades básicas. Ribeiro e Souza (2002, p. 218) comentam:

Nesse sentido, entendemos que as proposições e os discursos que normatizam os projetos de Educação Sexual nas escolas, vem atuando como uma estratégia regulamentadora da sexualidade, a qual tem como matriz a biopolítica. Essa tecnologia de poder regula a sexualidade através de mecanismos de controle e intervenção centrados nos fenômenos biológicos: como natalidade, DSTs... Integrando tal tecnologia existe outra, a disciplinar, dirigida ao corpo, regulando a sexualidade através do controle do mesmo, nos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos.

O Estado de acordo com comportamentos sociais que merecem maior atenção, elabora políticas públicas para intervir evitando assim futuros problemas resultado desses comportamentos, porque se ele for omissor as consequências poderão ser desagradáveis exigindo intervenções onerosas, incluindo nessa visão a questão da sexualidade e do sexo.

Desde os tempos antigos, que os indivíduos têm suas dúvidas, curiosidades, desafios que envolvem a sexualidade e o sexo, abordar o assunto de maneira coerente e didática, ajuda na construção uma identidade sexual harmoniosa. Louro (1997, p. 141), afirma que tratar da sexualidade não é tarefa fácil. “Abordar a sexualidade não é tarefa fácil nem trivial. Trata-se de assumir que todos os sujeitos são constituídos socialmente, que a diferença (seja ela qual for) é uma construção feita a partir de um dado lugar que se toma

como norma ou como centro.”

Trabalhar com o tema na escola, como se referiu o autor, não é tarefa fácil porque inclui valores e comportamentos associados ao contexto histórico, social e cultural em que o aluno vive. Essa abordagem, com o decorrer da história vem se tornando difícil para o professor. Com o advento da Revolução Industrial e o avanço tecnológico de maneira geral, a sociedade e a conduta sexual dos indivíduos passam por mudanças o que leva a torná-la alvo de análises e intervenções por parte do estado.

Compreender como a proposta de trabalho com a educação sexual está colocada nos documentos públicos é relevante. Eles buscam atender as reivindicações feitas por diferentes movimentos sociais para construção do currículo? Como os movimentos de Mulheres, de Negros, Negras e populações Quilombolas, Indígenas, Étnicos, LGBTQIA+, entre outros.

Com o gradativo desenvolvimento social é natural que temas associados à sexualidade e ao sexo, se tornem alvos de discussões feitas por diferentes segmentos sociais, deixando de ser responsabilidade apenas de moralistas religiosos. Houve também, um aumento no número de estudos tratando do assunto, porque quanto mais se conhece, maiores são as possibilidades de intervenção. Na opinião de ALMEIDA (2009, p.23),

Desde o início do século XX, a necessidade de se pensar a Educação Sexual no âmbito escolar já é reconhecida [...] Observa-se no cenário das políticas públicas brasileiras sucessivas tentativas de inclusão da temática “educação sexual” no contexto escolar.

Percebe-se uma longa trajetória relacionada à inclusão da Educação sexual no contexto escolar, até chegar sua concretização como tema transversal, incluída nos PCN’s, sendo referência para direcionar o trabalho nas instituições escolares. Na década de 1920, acontecem importantes discussões acerca de um programa de educação sexual, aprovado no Congresso Nacional de Educadores de 1928. Mas, devido à pressão da Igreja Católica, à falta de conteúdos e métodos para abordar o assunto, além de ações punitivas aplicadas a professores que tentavam abordar o tema, o programa não foi implementado. Segundo Altmann (2005), “Em décadas anteriores a relação à educação sexual a família era a responsável, porém, nas escolas era permitido desenvolver projetos na disciplina de Biologia.”

A abordagem biológico-higienista é aquela considerada por muitas/os a prevalente (e até mesma a única) nas ações educacionais voltadas à discussão do desenvolvimento sexual humano no contexto, sobretudo, da escolarização formal. Costuma conferir ênfase na biologia essencialista (baseada no determinismo biológico) e é marcada pela centralidade do ensino como promoção da saúde, da reprodução humana, das DST’s da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc. Furlani (2011, p. 16)

As abordagens restritas ao biológico fazem parte do trabalho com educação sexual

nas escolas em diferentes épocas e é extremamente relevante, o que se questiona é o fato de ser exclusiva, isso implica a limitação do currículo e contribui para manter inquestionável o determinismo biológico, considerando diferenças entre homens e mulheres associadas ao físico, gerando o entendimento de naturalidade das desigualdades sexuais e de gênero, podendo reforçar premissas machistas, sexistas, e homofóbicas.

O ponto principal a ser discutido acerca da educação sexual, é que ela seja trabalhada com uma abordagem emancipatória, onde o indivíduo faça reflexões sobre as escolhas próprias e às dos outros, procurando não apenas a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis ou de uma gravidez indesejada, mas também a diminuição de atitudes discriminatórias quanto ao gênero e orientação sexual.

2.1 As mudanças na pré-adolescência

Na pré-adolescência e na adolescência a sexualidade é marcada por impulsos fortemente associados a transformações biológicas, psicológicas e sociais, ou seja, há, nessa fase, inúmeras descobertas e conflitos que podem denotar risco e vulnerabilidade na vida dos pré-adolescentes e adolescentes.

Os riscos, são as possibilidades que o adolescente enfrenta em relação, por exemplo, contrair uma doença infecciosa transmissível, uma gravidez não planejada, aborto inseguro, todos esses fatores se agravam e podem reincidir devido à falta de uma educação sexual adequada.

Obstáculos culturais e emocionais ainda dificultam o trabalho de prevenção dos fatores referidos. Entre os obstáculos apontados pelos autores ressaltamos o da onipotência, um sentimento encontrado na maioria dos adolescentes e que os levam a pensar que com eles não acontecerá nada e que estão imunes a qualquer perigo. Assim, eles se colocam diante do HIV, acreditando que não pegam AIDS e, portanto, não são necessários comportamentos preventivos como o uso da camisinha. Suplicy (et al., 1983, p. 86).

Ao lado de questões como a AIDS e as doenças sexualmente transmissíveis, a sociedade, em crescente transformação de valores e padrões culturais, está convivendo com a realidade de uma iniciação sexual cada vez mais precoce entre os adolescentes. Essa situação, dificulta a tarefa de educar, porque ele tem contato com diversas informações que muitas vezes por imaturidade as assimilam como adequadas, não conseguindo fazer uma reflexão crítica para transformá-la em conhecimento e mudança de comportamento.

Assim sendo, a sexualidade deve ser alvo de discussões feitas por diferentes grupos sociais, entre eles, a família e a escola, almejando o objetivo de encontrar maneiras de educar os jovens para lidar com questões associadas ao sexo e a sexualidade de maneira autônoma sem influências externas negativas. Atenção especial nessa fase é importante, porque lhe permite a construção de uma identidade sexual sadia.

E as vulnerabilidades podem ser entendidas como um conjunto de fatores que

acometem os adolescentes, expondo-os de maneira mais frágil e/ou decorrendo de maiores dificuldades de acesso aos meios de prevenção e proteção, Vitalle (2003).

Os anseios curiosidades e imaturidade dessa fase da vida, podem fazer com que os adolescentes vivam de maneira intensa a sexualidade, se colocando em práticas que exigem informações proteções, e não as utilizam por falta de comunicação com a família, tabus e preconceitos, resultado da falta de uma educação sexual adequada. Assim sendo, para a construção de uma nova realidade onde os adolescentes tenham maior oportunidade de conhecimento referente aos temas sexualidade e saúde sexual é necessário que as instituições escolares tenham a responsabilidade de oferecer a esses alunos informações atuais e desprovidas do preconceito, herdado de gerações passadas.

Deve-se, então, oferecer aos adolescentes elementos que proporcionem a eles o conhecimento acerca da vulnerabilidade e prevenção das DST/AIDS.

Desta maneira, a educação sexual, voltada para o adolescente, pressupõe a perspectiva de trabalhos individuais e também em grupos, acentuando a condição de sujeitos autônomos, utilizando metodologias participativas e fundando-se no entendimento do jovem como protagonista, resultando na construção coletiva do conhecimento em saúde e sexualidade.

3 I EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA

A discussão sobre a inclusão da temática da sexualidade no currículo da educação básica vem se intensificando desde a década de 70, provavelmente em função das mudanças comportamentais dos jovens dos anos 60, dos movimentos feministas e de grupos que pregavam o controle da natalidade (BRASIL, 1997).

O aumento da incidência de gravidez na adolescência e de casos de HIV entre os adolescentes, no meado da década de 80, intensificou a preocupação dos educadores em relação ao tema.

Através da educação sexual no ambiente escolar, é possível que desde cedo os pré-adolescentes e adolescentes tenham conhecimentos dos direitos sexuais. De acordo com Furlani (2011, p. 24):

A Declaração dos Direitos Sexuais foi elaborada n 13º Congresso Mundial de Sexologia, realizado em 1997, em Valência (Espanha). Posteriormente, foi revisada pela Assembleia Geral da associação Mundial de Sexologia (WAS – Word Association for Sexology), em 26 de agosto de 1999, e aprovado no 14º Congresso Mundial de Sexologia (Hong Kong, República Popular da China, de 23 a 27 de agosto de 1999).

A autora supracitada, aborda 11 artigos relacionados aos direitos sexuais, sendo estes universais baseados na inerente liberdade, dignidade e igualdade de todos os seres humanos. Esses direitos, devem ser reconhecidos, promovidos, respeitados e defendidos

por todos para que a saúde sexual seja trabalhada de maneira adequada. A escola, deve exercer seu papel fundamental educando seus alunos de acordo com esses direitos, assim estará contribuindo na formação do um cidadão crítico e conseqüentemente responsável.

A escola deve ser vista como um lugar de transformação, um importante espaço para trabalhar mudanças de comportamentos dos jovens, através de ações educativas claras esclarecedoras.

A Educação, propõe que o currículo escolar trabalhe com quatro pilares: Aprender a conhecer; Aprender a fazer; Aprender a viver; Aprender a ser, que devem preparar o estudante para o trabalho e a prática da cidadania. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN BRASIL (1997, p. 16) destaca que:

Aprender a ser supõe a preparação do indivíduo para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, frente às diferentes circunstâncias da vida. Supõe ainda exercitar a liberdade de pensamento, discernimento, sentimento e imaginação, para desenvolver os seus talentos e permanecer, tanto quanto possível, dono do seu próprio destino.

O aluno ao chegar à escola já possui informações prévias em relação aos temas que irão ser abordados pelos professores, estes devem ser considerados e valorizados, aprender supõe a preparação desse jovem para que mediante o que já sabe construa sua aprendizagem de forma crítica dialogando com professores e colegas para que, posteriormente diante das circunstâncias sociais saiba ter uma visão abrangente importante na tomada de decisões inteligentes.

Dessa forma, é importante que a escola interaja com a comunidade, para que juntas, escola e comunidade possam encontrar soluções para os problemas referentes ao tema estudado. Quando se trabalha com educação sexual é importante falar não só do aparelho reprodutivo e do processo de fecundação. É necessário vencer desafios como crenças, tabus, posturas e valores a respeito de relacionamentos e comportamentos sexuais e, principalmente, como lidar com o resultado de sua própria sexualidade, Feijó (2007).

A escola é um importante espaço para o desenvolvimento de um programa de educação para a saúde entre crianças e adolescentes. Distingue-se das demais instituições por ser aquela que oferece a possibilidade de educar por meio da construção de conhecimentos resultantes do confronto dos diferentes saberes. Ministério da Saúde (BRASIL, 2006, p. 35)

Reforçando o que dissemos anteriormente, o ambiente escolar é um espaço que deve buscar a valorização do conhecimento, seja ele o conhecimento científico ou do senso comum, aprendida no dia-a-dia no convívio social mediante a interação com os outros indivíduos, observações e experiências. Nesse ambiente o jovem tem a oportunidade de interagir com outras pessoas, com diferentes saberes opiniões o que leva trocar ideias consideradas importantes no processo de aprendizagem.

Nessa faixa etária as Instituições Escolares trabalham com os sistemas do corpo humano na disciplina de Ciências, entre eles o Sistema reprodutivo Humano onde é abordado apenas a anatomia e a fisiologia, deixando de fora as curiosidades e ansiedades em relação à sexualidade.

A satisfação dessas curiosidades contribui para que o desejo de saber seja impulsionado ao longo da vida, enquanto a não-satisfação gera ansiedade, tensão e, eventualmente, inibição da capacidade investigativa. A oferta, por parte da escola, de um espaço em que as crianças possam esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares (BRASIL, 1997, p. 292).

Quando a escola busca trabalhar com o tema indo além da parte fisiológica incluindo a discussão da sexualidade no seu Projeto Político Pedagógico, está assumindo a responsabilidade de promover um trabalho diferenciado com uma linguagem própria dessa faixa etária importante auxílio para o jovem na construção da sua identidade sexual. Assim sendo, é importante que a comunicação entre educadores e adolescentes se estabeleça com facilidade, colaborando para o desenvolvimento do trabalho pedagógico. BRASIL (1997).

O PCN, BRASIL (1997) ao tratar do tema orientação sexual nas escolas reflete que é indispensável que a escola aborde com os educandos as repercussões das mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade. Muitas vezes as mensagens das mídias são direcionadas ao público adulto mas, devido à falta de controle para acessá-las eles podem por falta de maturidade e inexperiência assimilá-las de maneira inadequada podendo influenciar de maneira negativa em relação ao seu comportamento sexual.

Integrando o setor educação e o setor saúde, o Ministério da Saúde em parceria com Ministério da Educação lançaram o Programa Saúde na Escola (PSE), este deve oferecer atenção integral de prevenção, promoção e atenção à saúde de crianças e adolescentes do ensino público.

Instituído em 2007 o programa tem como proposta criar um canal de comunicação entre profissionais de saúde e da educação, havendo então, uma interação entre as unidades de saúde e as instituições escolares. O Ministério da Saúde, BRASIL (2010), informa que há, também, educação para a saúde sexual e reprodutiva, com enfoque à prevenção da AIDS, Hepatites virais e outras doenças sexualmente transmissíveis, por meio do programa Saúde e Prevenção nas Escolas.

O programa favorece a incorporação de novos conhecimentos para os jovens, levando-os a tomar conhecimento de questões relacionadas à promoção da saúde e prevenção de doenças e, conseqüentemente, favorecendo a incorporação de hábitos mais saudáveis de maneira geral.

Em relação ao tema estudado essa interação saúde e educação são fundamentais

porque vai além da escola e das unidades de saúde, se estende por toda a comunidade. Contudo, ainda há carência de projetos envolvendo a questão pesquisada, o que contribuiu para o pouco trabalho com o tema de forma mais abrangente não só nas instituições escolares, mas também, por outros segmentos sociais.

Para Suplicy (1983), o professor deve ter um preparo adequado para trabalhar com os alunos, para que esses educandos possam superar suas dúvidas, angústias e ansiedade em relação à temática, sendo esses também objetivos da Educação Sexual, esse preparo deve acontecer independente da área de formação dos educadores.

De acordo com Souza (1991), educar sexualmente consiste em oferecer condições para que as pessoas assumam seu corpo e sua sexualidade com atitudes positivas, livres de medo, preconceitos, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus. Conforme ressaltado por ECOS – Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana ECOS (2013).

Para que educação sexual seja ofertada de acordo com o sugerido, o professor deve além de ter uma preparação para lidar com o tema também entender de que é um direito dos adolescentes conhecer seu corpo além de construir um pensamento reflexivo crítico que o habilite a compreender o funcionamento do seu corpo e dos demais.

3.1 O professor como educador sexual

Furlani (2011), ressalta que professores e professoras ficam estarelecidos com as estatísticas associadas à conduta e atitudes dos jovens em relação à sexualidade, mesmo que nos últimos 27 anos (pelo menos) tenham recebido por parte de campanhas e investimentos públicos esclarecimentos em relação à questão. De acordo com Furlani (2011, p. 131),

No entanto, tem sido notório e desanimador a constatação da ineficiência dos processos educacionais, sobretudo quando o produto a ser observado é a mudança nas atitudes pessoais que levem à decisão pela vivência de uma sexualidade segura, igualitária entre os gêneros, responsável em relação ao futuro pessoal.

O professor que se propõe a trabalhar com o tema deve se informar rever seus conceitos se embasar nas orientações sugeridas pelo MEC e por outras políticas públicas, se livrar de um trabalho que sugere visões estereotipadas, preconceituosas que envolvam a questão, assim, poderá contribuir para que os processos educacionais, sejam capazes de promover mudanças no comportamento dos jovens, para isso, a autora sugere que os professores revejam suas práticas pedagógicas, verifique se o seu trabalho de informação com jovens não está esbarrando em outros tipos de conhecimentos que não são discutidos na escola e que limita a mudança de comportamento.

Para auxiliar esses educadores, Brasil (1997), sugere que a abordagem relacionada à sexualidade nas Instituições Escolares, apresente algumas características importantes, que trate da questão de forma objetiva e direta, seja ampla evitando assim reduzir sua

complexidade, oferecer situações diversificadas para isso exige flexibilidade, de maneira também sistemática para que os educandos construam seus conhecimentos gradativamente desde a infância.

Como educadora sexual, não tenho dúvida de que, a maximização das condutas de sexo seguro (que evitam a gravidez adolescente, DST/HIV/aids), na juventude e na vida adulta, serão mais facilmente e efetivamente adotadas quando a educação sexual se iniciar na infância. Furlani (2011, p. 132).

Para que essa proposta se concretize, o professor deve estar atento a temática e ter por parte das políticas públicas, como também, da equipe gestora das instituições escolares, incentivo para qualificação e motivação para abordar a temática de forma tranquila contextualizada, suprimindo as dúvidas e expectativas dos educandos, desde sua iniciação escolar, contribuindo assim para que cresçam e possam emitir condutas mais adequadas em relação ao sexo.

A qualificação se justifica, porque situações imprevisíveis podem surgir a qualquer instante na sala de aula, que exigem intervenção do professor de forma segura, para isso a dominação do tema, como também, práticas pedagógicas criativas e esclarecedoras se tornam importantes. A sexualidade gera nos alunos comportamentos variados, são manifestações imprevisíveis que podem acontecer de maneira inevitável.

Isso implica a necessidade desses profissionais, também terem, um espaço onde possam se formar como orientadores conscientes e capazes de indicar caminhos e escolhas que tornem a vida do indivíduo menos traumática, com menos culpa, ansiedade, preconceitos oriundos da desinformação. Nesse contexto, o diálogo entre educadores e educandos se faz necessário, porque também, é através dele que o professor conhece seus alunos suas expectativas e o conhecimento que os mesmos têm em relação ao assunto.

Diante do exposto, é relevante considerar a relação professor e aluno.

Pode-se dizer que o trabalho do professor e da professora na escola está intimamente ligado à sua relação com seu aluno e aluna. Depende desse relacionamento o desenvolvimento da criança. Ela precisa sentir-se segura amada pelo professor ou professora, pessoa que vai tornar-se sua referência, já que estará intimamente ligada a ela durante um ano inteiro. Marchetto (2009, p. 18).

Na sala de aula, o aluno deve ter espaço para trocar experiências, assim como, ter na pessoa do professor uma referência. Dessa forma, o trabalho para o educador pode se tornar menos angustiante e mais gratificante, quando o educando tem espaço para o diálogo para troca de ideias assumindo mais responsabilidades com sua aprendizagem, isso também irá contribuir para que os objetivos propostos sejam atingidos como criar oportunidades que o leve a ter uma visão positiva do professor. Essa boa relação irá influenciar positivamente na construção do conhecimento, porque os alunos se sentirão amados e seus conhecimentos valorizados.

Melo (2003), A orientação sexual na escola deve ser emancipatória, capaz de levar o aluno a consciência crítica, possibilitando que os mesmos escolham seus caminhos sem angústia e medo. O professor trabalhando nesse sentido, o ajudará na construção da sua identidade sexual.

Na relação professor-aluno, o educador sexual deve ser confiável, acessível e disponível, Suplicy (1981); Ribeiro (1990), apontam que essas características são relevantes, porque ele lida com o afeto, a angústia, o medo e a culpa, que caminham lado a lado das questões que envolvem sexo e sexualidade, evidenciando a importância da preparação do educador.

4 | CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento da pesquisa fica evidenciada a importância de se trabalhar com educação sexual nas escolas, porque, este é um lugar privilegiado se comparado, com outras instituições sociais que os jovens frequentam, lá ele pode suprir seus anseios dúvidas e curiosidades em relação à sexualidade e ao sexo de forma sistematizada e gradativa.

Percebemos que, várias tentativas foram feitas com o objetivo de incorporar no currículo escolar essa temática, contudo, se esbarrava na resistência de determinados grupos sociais entre eles os ligados a religião. Com a revolução do pensamento da geração da década de sessenta, aliada ao surgimento de doenças sexualmente transmissíveis principalmente a AIDS, o governo se sentiu na obrigação de direcionar sua atenção para a questão e criar políticas públicas com o objetivo de orientar os educandos.

Ficou evidenciado no desenvolvimento do trabalho, que a inclusão da temática orientação sexual no currículo escolar, também é resultado dos movimentos sociais que questionam e reivindicam uma sociedade menos preconceituosa, que considere as diferenças e os direitos dos cidadãos, Furlani (2011).

Dessa maneira, destaca-se a necessidade do trabalho com educação sexual ser direcionado para uma educação emancipatória, que capacite os jovens para tomada de decisão diante de situações que envolvam a sexualidade e o sexo de maneira crítica e coerente, que não o coloque em situações de risco, porque nessa fase da vida ele está vulnerável a participar de contextos que exigem conhecimentos e esclarecimentos em relação ao tema, para que possam praticar sua sexualidade de maneira segura.

Acreditamos que a proposta transversal para o trabalho com orientação sexual citada pelos PCN's, está adequada e parece ser uma excelente opção para direcionar o trabalho do professor. Contudo, deve ser adaptada de acordo com a turma, porque cada escola tem suas particularidades relacionadas às necessidades dos alunos, que devem ser consideradas pelo educador.

Por isso, é importante a capacitação dos professores para incluir temas relacionados

à sexualidade e ao sexo em suas aulas, para que consiga entender o comportamento dos educandos, como também, responder seus questionamentos de maneira natural desprovida de qualquer sugestão de preconceito, para que, tomem atitudes positivas, livres de medo e de culpa, exercitando de maneira sadia sua sexualidade.

Percebemos também que a educação sexual foi e ainda é trabalhada numa concepção biológico-higienista, de forma limitada, abordando apenas os aspectos biológicos e reprodutivos dos indivíduos, reduzindo assim, a capacidade dos educandos construírem sua aprendizagem de maneira crítica dialogando com os colegas e professores.

É importante que a educação sexual seja trabalhada pela família e escola, para que possam ajudar os adolescentes a enfrentar as dúvidas e ansiedades relacionadas ao tema, que seja, capaz de gerar discussões em clima de naturalidade. Para isso o fundamental é que o educador envolvido tenha qualificações necessárias, porque ele mesmo sem uma formação específica que o habilite com maior segurança a trabalhar com questões relativas à sexualidade e ao sexo acaba de uma maneira ou de outra fazendo, os questionamentos e comportamentos surgem e ele paliativamente para acabar com as dúvidas trata a questão.

As instituições escolares devem estar dispostas para trabalhar com a temática, contudo, devem proporcionar aos professores uma formação específica que os capacite para trabalhar a questão de maneira segura. Devemos estar abertos a mudanças acompanhando a evolução da sociedade e as mudanças de valores e dos comportamentos sociais.

Falar de sexo e sexualidade no ambiente escolar é um desafio, porque esse espaço é constituído por pessoas de diferentes e com valores e comportamentos específicos, prevalecendo na maioria das vezes resistências, exigindo que todos os envolvidos no processo revisem conceitos, superem preconceitos e estereótipos. Assim, é necessário que aconteçam debates, polêmicas, interesses e reflexões sobre a sexualidade dentro desse contexto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. A. **Orientação sexual nas escolas**: seria possível se não incomodasse? 2009. 103f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

ALTMAN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRASIL. **Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual. Brasília: MEC / SEF, v. 10, 1997.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**: Pluralidade Cultural, orientação sexual. / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 2006, 164 p.

BRASIL. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA**. ProInfo – Programa Nacional de Tecnologia Educacional. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção em Saúde**. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Diretrizes nacionais para a atenção integral à saúde de adolescentes e jovens na promoção, proteção e recuperação da saúde. Área Técnica de Saúde do Adolescente e do Jovem. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 132p.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural: orientação sexual. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BRASIL. **Ministério da Saúde. Ministério da Educação**. Guia para a formação de profissionais de saúde e de Educação: saúde e educação nas escolas. Séries Manuais nº 75. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa des(conhecida)**. 9.ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ECOS – **Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana**. Promover a educação sexual nas escolas. Disponível em: <http://www.polis.org.br/uploads/623/623.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2021.

FEIJÓ, C. **A sexualidade e o uso das drogas na adolescência**: o papel da família e da escola na prevenção das DST, gravidez na adolescência e o uso de drogas. 2. ed. Osasco-SP: Editora Novo Século, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. 8. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

Furlani, Jimena. **Educação sexual na sala de aula**: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MELO, S. M. M. **O invólucro perfeito**: paradigmas de corporeidade e formação de educadores. In: PAULO RENNES MARÇAL RIBEIRO. Sexualidade e educação: Aproximações necessárias. São Paulo: Arte e Ciência, 2004.

RIBEIRO, Paulo Ramos Marçal. **Educação sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

RIBEIRO, P. R. C.; SOUZA, D. O. **Discutindo e refletindo sexualidade – AIDS – com professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

SOUZA, H. P. **Sexo, energia presente em casa e na escola**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

SUPLICY, M. **Educação sexual: verdade ou moral?** Folha de S. Paulo. São Paulo, p. 3, 14 jun. 1981.

SUPLICY, Marta et al. **Sexo se aprende na escola**. 2. ed. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 1999.

VITALLE, M.S.de S. **Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência**. Revista Paulista Pediatria. São Paulo, v.21, n.2, jun. 2003.

http://dab.saude.gov.br/docs/geral/orientacoes_pse.pdf. Acesso dia 19 jan. 2021.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescência 1, 3, 6, 7, 14, 15, 16, 19, 24, 30, 36

Afetividade 66

B

Brasil 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 22, 23, 27, 34, 35, 41, 42, 47, 71, 77, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 151, 158, 165

C

Campanhas 10, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 123, 124, 126, 138, 162

Capitalismo 85, 87, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 132, 160, 161, 162, 163

Classe 28, 39, 62, 69, 71, 74, 76, 77, 78, 79, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 128, 129, 147, 161, 163, 164

Conflitos 1, 6, 22, 93, 94, 118, 156, 159

Costumbres 49, 50, 52, 53, 56, 57, 58, 59

Cultura 2, 14, 17, 25, 26, 33, 34, 42, 46, 50, 55, 57, 60, 78, 115, 128, 134, 137, 140, 142, 144, 146, 151, 161, 166

Cultura do herói 140, 142, 144, 151

D

Desafios 1, 4, 8, 24, 138

Desigualdade de gênero 163

Direitos humanos 26, 48, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 150, 158, 163, 165

Discurso 16, 18, 57, 110, 111, 113, 115, 122, 123, 125, 126, 132

Dissidência 61, 64, 65

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 29, 31, 33, 35, 46, 82, 84, 110, 115, 124, 126, 129, 131, 134, 144, 147, 148, 149, 151, 166

Educação sexual 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 124

Envelhecimento 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 43, 44, 46, 48, 129, 166

Escola 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 93, 115, 128, 141, 145, 151, 155, 157

Etnia 55, 56, 72, 84

F

Família 2, 3, 5, 6, 7, 9, 13, 14, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 36, 61, 63, 74, 90, 91, 93, 99, 100, 101, 145, 146, 148, 155, 156, 157, 160, 161, 166

Feminino 4, 31, 32, 33, 38, 42, 43, 45, 80, 118, 124, 130, 141, 143, 146, 154, 155, 157, 158, 160, 161, 164

Feminismo 39, 51, 52, 60, 78, 81, 84, 85, 91, 92, 95, 147, 151, 152, 162

G

Gênero 4, 6, 14, 17, 19, 22, 26, 30, 36, 38, 39, 41, 42, 45, 47, 61, 62, 64, 66, 67, 68, 70, 71, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 85, 91, 94, 95, 96, 108, 110, 112, 116, 117, 118, 121, 122, 124, 128, 129, 130, 131, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 150, 152, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166

H

Homossexualidade 3, 118, 123, 124, 125, 132, 136

I

Identidade 4, 6, 9, 12, 22, 65, 68, 77, 115, 128, 129, 130, 139, 141, 142

Igualdade de gênero 22, 108, 129, 130, 140, 141, 142, 150, 152

Interseccionalidade 67, 68, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 93

J

Jovens 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 14, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 40, 43, 44, 46, 117, 123, 143, 144

Juventude 11, 33, 34, 39, 166

L

Lesbianidade 61

LGBTQIA+ 5, 110, 111, 112, 113, 115, 124

Liberdade reprodutiva 98, 99, 102

M

Masculinidades 65, 118, 121, 147, 151, 152, 153

Masculinidade tóxica 140, 141, 143, 144, 145, 146, 150, 151, 152

Mitos 25, 29, 30, 33

Modos de criação 140

O

Opressão 29, 67, 68, 69, 70, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 94, 130,

157, 158, 161

P

Patriarcado 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 147

Pessoas trans 128, 129, 130, 138

Política 31, 40, 46, 51, 60, 63, 75, 79, 81, 88, 90, 96, 103, 128, 129, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 157, 158, 160

Políticas públicas 4, 5, 10, 11, 12, 40, 51, 59, 82, 85, 125, 129, 131, 134, 135, 136, 137, 139, 142, 155, 158, 164

População 27, 28, 33, 34, 35, 40, 42, 46, 80, 81, 82, 90, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 120, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 144, 146, 147, 150, 158, 160

Prevenção 6, 7, 9, 14, 19, 20, 21, 23, 106, 110, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 123, 124, 126

R

Raça 39, 62, 72, 77, 78, 79, 84, 85, 92, 128

Reprodução assistida 97, 98, 100, 101, 108, 109

Rupturas 49, 56, 132

S

Saúde 2, 3, 5, 7, 8, 9, 10, 13, 14, 19, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 35, 36, 37, 40, 42, 45, 46, 47, 77, 82, 96, 100, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 142, 145, 151, 152

Sexo 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 22, 25, 26, 27, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 45, 47, 68, 72, 77, 78, 80, 83, 92, 100, 101, 109, 111, 114, 117, 118, 125, 138, 141, 158, 160, 161

Sexualidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 62, 63, 64, 92, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 132, 134, 141, 150, 165, 166

Sociedade 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 19, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 37, 42, 43, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 75, 81, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 103, 105, 111, 114, 120, 121, 124, 125, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 160, 161, 163, 166

T

Tabus 1, 2, 7, 8, 10, 17, 19, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 33, 121

Tecnologias da informação e comunicação 38, 40, 42, 46

Tecnologias digitais 38, 47

Terceira idade 25, 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 42, 43, 46

Transexualidade 127, 129





Transfobia 127, 128, 130, 138

Travesti 61, 62, 63, 65, 111, 127, 139

V

Velhos 41, 43, 44, 46

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO SEXUAL, SEXUALIDADE E GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: TRILHANDO CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPADORA 2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br